

## A POESIA INSUBMISSA IMERSA NO JARDIM FECHADO DE RAQUEL NAVEIRA

*THE UNSUBMISSIVE POETRY IMMERSSED IN THE CLOSED GARDEN OF RAQUEL NAVEIRA*

MARY NASCIMENTO DA SILVA LEITÃO<sup>1</sup>  
ELIZABETH DIAS MARTINS<sup>2</sup>

### RESUMO:

A obra poética de Raquel Naveira, desde a primeira publicação em 1989, apresenta traços de uma produção literária insubmissa. Misturando temas religiosos, históricos, literários e filosóficos, a autora sul-mato-grossense vem se destacando na literatura brasileira por apresentar um novo olhar acerca das narrativas tradicionalmente difundidas segundo uma perspectiva dominante. Apresentamos a leitura de poemas de três de suas obras: *Guerra entre irmãos* (1993), *Caraguatá* (1996) e *Stella Maia* (2001). Os textos eleitos foram publicados em *Jardim Fechado* (2015), fato destacado por se tratar de uma seleção feita pela própria poeta. No intuito de demonstrar o modo como a autora delineia uma perspectiva diferenciada dos momentos históricos que tematizam as obras, ao analisar os versos realizamos um resgate dos fatos históricos, bem como identificamos os aspectos que ilustram uma poesia insubmissa, segundo a perspectiva de Roberto Pontes (1999), em *Poesia insubmissa afrobrasílusa*. É intrínseca a relação entre literatura e história, construindo um percurso que se encontra no âmbito dos estudos da literatura comparada. A partir das referidas leituras, observamos o constructo de uma identidade literária híbrida que deixa transparecer as diversas influências e os inúmeros resíduos com os quais se edificam, na poética de Raquel Naveira, os traços da literatura brasileira contemporânea. Trata-se de uma voz que nasce individual e cresce coletiva, comprovando a superação do ensimesmamento e o alcance de um modo de ser insubmisso.

PALAVRAS-CHAVE: poesia insubmissa; Raquel Naveira; história.

### ABSTRACT

The poetic work of Raquel Naveira, since its first publication in 1989, presents traces of an unsubmissive literary production. Mixing religious, historical, literary and philosophical themes, the author from Mato Grosso do Sul has stood out in Brazilian literature for presenting a new look at the narratives traditionally disseminated according to a dominant perspective. We present the reading of poems from three of her works: *Guerra entre Irmãos* (1993), *Caraguatá* (1996) and *Stella Maia* (2001). The selected texts were published in *Jardim Fechado* (2015), a fact highlighted by the fact that it is a selection made by the poet herself. In order to demonstrate how the author outlines a different perspective of the historical moments that thematize the works, when analyzing the verses, we carry out a rescue of historical facts, as well as we identify the aspects that illustrate an unsubmissive poetry, according to the perspective of Roberto Pontes (1999), in *Poesia insubmissa afrobrasílusa*. The relationship between literature and history is intrinsic, building a path that lies within the scope of comparative literature studies. From these readings, we observe the construct of a hybrid literary identity that reveals the different influences and the countless residues with which, in the poetics of Raquel Naveira, the traces of contemporary Brazilian literature are built. It is a voice that is born individual and grows collectively, proving the overcoming of self-absorption and the achievement of an unsubmissive way of being.

KEYWORDS: unsubmissive poetry; Rachel Naveira; history.

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará, mestre e doutora em Letras pela mesma Universidade. No doutorado, pesquisou acerca da produção poética de Raquel Naveira, autora sul-mato-grossense. E-mail: [maryepoesia@gmail.com](mailto:maryepoesia@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora associada do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará, com atuação, desde 2002, no Programa de pós-Graduação em Letras/Literatura. É membro GT de Estudos Medievais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística - ANPOLL. E-mail: [bethdiasufc2@gmail.com](mailto:bethdiasufc2@gmail.com)

## A poesia insubmissa de Raquel Naveira

A poesia insubmissa é aquela que tem caráter libertador, que inspira a luta. E essa batalha se faz com armas personificadas por palavras e ideias. Roberto Pontes apresenta esse conceito em *Poesia insubmissa Afrobrasilusa* (1999). Ali, afirma se tratar do modo como o poeta enxerga e interpreta o mundo. A voz poética tem o poder de modificar pensamentos e ideais. Portanto, ela parte de um olhar individual para atingir a coletividade. E é este ponto que nos interessa. A poesia de Raquel Naveira constrói um perfil de escrita que subverte o puro lirismo. O resgate de temas da tradição sul-mato-grossense, a ênfase na hibridação cultural brasileira e no gênero feminino demonstram a atuação social exercida pela poeta, que faz de seus textos lugar de sobrevalor cultural e luta feminina por ampliação de maiores espaços. São conteúdos que dialogam em prol dessa insubmissão diante do que, em geral, é socialmente imposto aos sujeitos. Acerca disso, podemos resgatar as palavras da própria poeta numa entrevista concedida ao programa Iluminuras disponível no *Youtube*<sup>3</sup>: “Palavra é poder! A linguagem é um traço do homem e ela é poder, ela tem uma essência encantatória. Eu acredito na magia da palavra e que eu esteja a serviço da palavra”<sup>4</sup>. A palavra tem força, ela tem o poder de atingir o outro com o seu encantamento.

Deter-nos-emos, agora, na obra *Jardim Fechado: uma antologia poética*, publicada em 2015. Ao partirmos da primeira publicação de Raquel Naveira - o livro *Via-sacra* - vale lembrar as palavras de Leyla Perrone-Moisés ao comentar a referida obra: “é muito bom lembrar que há outros Brasis fora do eixo Rio-São Paulo! E precisamos de muitos poetas para reciclar o lixo que nos afoga” (PERRONE-MOISÉS in NAVEIRA, 2015, p.13). O comentário surge por conta da presença de elementos culturais característicos da terra natal de Naveira. Eles não se manifestam de maneira saudosista, aos moldes românticos. Na realidade, há uma maior aproximação com o estilo modernista cujo nacionalismo passa de utópico a social. De acordo com Maria Arminda do Nascimento Arruda:

A sociedade brasileira, desde 1930, fora permeada por transformações consideráveis e, a partir dos anos 20, submergira no caldo cultural modernista, oferecido no movimento paulista de 1922 e cujo ímpeto desbordara as fronteiras do Estado. Um fermento de modernidade borbulhava no ambiente brasileiro, cristalizado em prismas diversos, podendo significar para muitos, o coroamento de esforços e de construção da nação, para outros, a organização de uma sociedade aberta e democrática, e, para alguns, a emergência de uma corrente de tendências culturais avançadas. No conjunto, as diferentes acepções apontavam para a existência de forças reais de mudanças, muitas vezes identificadas com uma vaga concepção de ‘novo’ e que resultaram em rupturas de padrões já sedimentados (ARRUDA, 2001, p.18).

---

<sup>3</sup> Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=VNCoNHUGwAw>> acesso: 20/02/2022

<sup>4</sup> *Idem*.

Observamos, então, a presença de um sentimento de mudança tão forte quanto o que ocorreu no período romântico, quando se buscava a efetivação de uma literatura puramente brasileira. A diferença é que no Modernismo a novidade estava cristalizada; tomaram-se elementos culturais tanto brasileiros, de épocas anteriores às manifestações parnasianas, por exemplo, quanto influências estrangeiras que, misturadas às brasileiras, dariam um caráter diferencial à arte. E é essa ânsia muito mais sociocultural do que utopicamente nacionalista que enxergamos no texto de Raquel Naveira. Leiamos o trecho a seguir, que bem ilustra referida abordagem:

[...]  
Em Madri  
Ninguém sabe como é o pôr-do-sol daqui:  
A angústia apertando a garganta  
Como se fôssemos sobreviventes  
Depois da guerra  
Ou do martírio de Guernica.  
(NAVEIRA, 2015, p. 18)

O poema “Da não-existência do pôr-do-sol em Madri” é composto de seis estrofes, sendo que as quatro primeiras repetem os dois versos iniciais do trecho citado. A repetição enfatiza a ideia de que quem está do outro lado não tem condições de avaliar como terminam os dias aqui. A estrofe destaca as angústias de quem vive sempre tentando superar grandes momentos de turbulência. E os que estão do outro lado não têm como avaliar nem a beleza e nem o anseio de luta manifestados debaixo do sol do Brasil. O texto leva à reflexão sobre como os dias se passam de modo singular em cada nação, pois mesmo estando debaixo do mesmo sol, a cor do horizonte é diferente. Então, não importa apenas relatar a diferença de realidades, mas despertar no leitor o interesse pela alteridade, a reflexão sobre os constantes julgamentos realizados sem a compreensão do contexto apontado. É nessa circunstância que as palavras de Roberto Pontes ganham sentido em nossa pesquisa, quando ele diz que “a fala insubmissa tem por finalidade não apenas a captação e a interpretação da realidade pelo poeta, mas também a intervenção poética sobre ela através do agir poético e político” (PONTES, 1999, p.26). Essa ação tem a ver com a própria função do poeta. Através da palavra ele atinge a percepção do outro. Ora, como bem sabemos, todo discurso está carregado de intencionalidade. Não se diz por dizer. O discurso poético, quando assume a vertente crítica-social, por exemplo, está a defender certa concepção ideológica. Vejamos a

reflexão despertada a partir de “Confissão de uma monja”<sup>5</sup>, de *Fonte Luminosa*, poema inspirado na pintura de Lídia Baís<sup>6</sup>:

Eu sei, irmã,  
Que meu sofrimento é pequeno  
Perto do de Cristo  
Que levou nos ombros  
Doenças,  
Humilhações,  
Misérias,  
Todas todas...  
Que é só uma parcela,  
Um pingo,  
Uma gota,  
O quinhão que me cabe.  
[...]

Eu sei, irmã,  
Que não se deve lamentar,  
Que no caminho da mulher  
Há sempre um dragão,  
Uma serpente,  
Uma maçã.  
(NAVEIRA, 2015, p. 32).

O título do poema já indica os sentimentos que serão descritos em seguida. A angústia e a resignação estarão presentes na temática central do texto. Observa-se a relação dos versos de Raquel com a mentalidade cristã medieval. Expõe-se o sofrimento da mulher, mas este não pode ser comparado ao de Cristo. Na última estrofe, o eu lírico feminino refere-se à impossibilidade de lamento, tanto por ela ser monja, e exigir-se de seu comportamento certa resignação e, muitas vezes, até o próprio sofrimento, quanto por ser mulher, estar destinada ao infortúnio, uma vez que as dificuldades no caminho estarão sempre presentes. O dragão, representante do problema maior, por seu tamanho e ferocidade, aparece no caminho da mulher juntamente com a serpente, ilustrando traição, perspicácia, veneno. A maçã, na mesma linha temática, é o fruto do pecado e o símbolo também do veneno. Observe-se que a serpente está ao lado de Eva em todas as imagens propagadas na história. A mulher muitas vezes foi vista como este próprio réptil venenoso e traiçoeiro. E a maçã, símbolo do pecado, está num nível também comparativo com o ser feminino tantas vezes associado ao pecado original:

---

<sup>5</sup> Assim como esse poema foi inspirado na pintura de Lídia Baís, estudos vários mostram que alguns poemas de Raquel Naveira são inspirados em quadros de famosos autores, como por exemplo, “Dalila”, cujo motivo foi buscado na tela de Rubens.

<sup>6</sup> A “transposição, que ora dá lugar à linguagem ora às imagens, é uma constante na obra da escritora sul-mato-grossense, que, por vezes, delineia sua escrita formando imagens do universo feminino transpostas de telas do próprio chão cultural naveiriano, bem como mulheres retratadas por artistas universais” (LIMA, 2011, p.261)

LEITÃO, Mary Nascimento da. MARTINS, Elizabeth Dias. A poesia insubmissa imersa no jardim fechado de Raquel Naveira

O principal papel que a Mulher (Eva) tem no Antigo Testamento é o de *instrumentum diaboli*, um instrumento que causa a perdição do gênero humano, resgatado depois pela descida do Salvador. O *motif* da tentação da carne personificada por uma representante do sexo feminino aparece desde as primeiras páginas do Gênesis e constituirá o próprio núcleo da religião mosaica, de maneira que o *topos* da mulher enquanto instrumento diabólico será uma componente sempre presente na religião judaica e, depois, na cristã (PILOSU, 1995, p.29).

A confissão havida no poema mostra claramente a mentalidade de que à mulher cabe resignar-se sempre a sua condição. As dificuldades são comuns, naturais e aceitáveis. Certamente, não se trata aqui da defesa de um estado, mas da exploração desse modo de enxergar o posicionamento feminino na sociedade e criticá-lo. A crítica não é direta. Afinal, é um texto poético, a ideia é fazer pensar sobre. E mais especificamente questiona-se o próprio jeito de viver da religiosa, daquela que sofre, mas não deve reclamar, pois sofrimento maior foi o de Cristo.

Mais uma vez o discurso poético assume uma voz coletiva. O discurso se constrói em favor de uma causa. O verso “Eu sei, irmã”, que se repete no início de cada uma das quatro estrofes do poema deixa claro que se trata de um diálogo entre religiosas de um convento, cuja partilha de ideias enfatiza a resignação vivenciada pelo sexo feminino e imposto pela sociedade. Mas a consciência religiosa de compreender a situação em que vivem não apaga a agonia das madrugadas. E isso é explicitado na última estrofe:

Eu sei, irmã,  
Eu sei,  
Mas eu ardo,  
Queímo,  
Definho  
Toda noite  
Até de manhã.  
(NAVEIRA, 2015, p.32)

Através da voz de um eu poético feminino e religioso, revela-se o sentimento de inquietude que aprisiona uma mulher. Não é o resgate da história isolada de alguém que foi homenageada ou lembrada poeticamente. É a voz do estereótipo que representa um grupo específico de mulheres. E a poesia apresentou-se aqui como o instante de compartilhamento de aflição coletiva.

Observe-se que o papel da mulher foi elucidado na obra naveiriana sob diferentes vieses, quando ela resgatou, ao longo de sua obra, personagens históricas, literárias, religiosas, imagens representativas de mães, avós e meninas. Em “Raquel Naveira & o feminino em sua obra”, vídeo disponível no *Youtube*<sup>7</sup>, a escritora fala sobre o gosto de assumir o lugar dessas personagens e personalidades, buscando compreender o que elas

<sup>7</sup> Fonte: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_s0M-E-sLPE](https://www.youtube.com/watch?v=_s0M-E-sLPE)> acesso: 20/02/2022.

sentiram.

É pensando nesse modo amplo de representar o ser feminino no centro de sua poesia que enxergamos a perspectiva social e, também insubmissa, norteando parte da produção literária naveiriana. Faz parte do perfil identitário poético que descrevemos aqui. Seria, segundo Roberto Pontes, o resultado de um *transbordamento* poético. Para o autor, o termo:

se emprega para exprimir a eclosão das percepções acumuladas no ânimo do poeta. Contrapõe-se ao conceito assente de inspiração, termo este vago, pouco científico, não convindo seu emprego num trabalho técnico. Já transbordamento contém em si a ideia de acúmulo e arrebentação de experiências sensíveis, parecendo assim mais adequado para designar o fenômeno da criação em ambas essas fases (PONTES, 1999, p 24).

Nesse caso, o transbordamento seria mais adequado ao estilo insubmisso da autora. E provavelmente foi esse mesmo processo que contribuiu para que Raquel Naveira trouxesse tão fortemente arraigada em sua produção literária o conteúdo histórico. Não é apenas o resgate de um fato; bem mais que isso, ela discute posicionamentos, dá realce às personagens femininas, apresenta culturas diversas em suas essências híbridas. Dentre os livros em que essas discussões se destacam podemos citar as seguintes publicações: *Guerra entre irmãos: poemas inspirados na Guerra do Paraguai* (1993); *Sob os cedros do Senhor: poemas inspirados na migração árabe e armênia em Mato Grosso do Sul* (1994); *Caraguatá: poemas inspirados na Guerra do Contestado* (1996); *Stella Maia: poemas sobre a conquista do México pelos espanhóis* (2001); e *Sangue Português: raízes, formação e lusofonia* (2012). Escolhemos três dessas obras para ilustrar a proposta da insubmissão abordada neste tópico: *Guerra entre irmãos*, *Caraguatá* e *Stella Maia*.

## 2. Leitura da poesia insubmissa naveiriana em três momentos

Tomemos alguns exemplos que contribuirão para compreendermos como o conteúdo histórico das três últimas obras mencionadas pode ser representativo de uma coletividade. Inicialmente, vale a pena citarmos as palavras de Cezar Augusto Benevides acerca de *Guerra entre irmãos*:

O que chama atenção é Raquel Naveira não ter se deixado levar pelos lugares-comuns das versões simplistas, contornando os obstáculos, estudando, com rigor e método, os personagens e acontecimentos históricos. Foi por esse viés sinuoso e difícil que a poetisa campo-grandense atingiu, simultaneamente, a dramaticidade humana e a amplitude universal do conflito, em um livro que certamente ficará para sempre, enquanto todos os

episódios militares de rivalidade em torno da bacia do Prata tendem a ser meras referências (BENEVIDES *in* NAVEIRA, 2015, p. 63).

O olhar de Raquel sobre esse momento histórico convida o leitor a observar com cuidado o papel de cada um dos envolvidos. Através do conjunto de textos ali reunidos, identificamos um panorama imaginário daquele tenso momento vivenciado pelos participantes da guerra: “Há homens que presenciaram o inferno/ Nos campos semeados de cadáveres/ Pólvora / Podridão/ Em que urubus pousavam/ Vampiros ácidos” (p.74). A imagem ilustrada no poema “Inferno” apresenta a face mais cruenta da morte. É uma fotografia poética e metáfora alguma é capaz de amenizar seu teor excruciante. Em “Comunicação”, o sentimento de angústia continua, mas agora voltado para a interação dos guerrilheiros: “A comunicação na guerra/ É feita de gritos / Brados / Ordens imperativas / Delações, / Intrigas, / Sussurros” (p.77). Mais adiante o eu poético destaca a mistura cultural presente no entrecruzamento das línguas:

[...]  
Nesta guerra as línguas se fundem,  
Amalgamam-se  
Como desenhos singelos  
Em vasilhames úmidos,  
Como saliva no pântano das bocas:  
Língua portuguesa,  
Galega,  
Galaica,  
Com gotas do Tejo e do Minho,  
Aroma de carvalho e vinho,  
Lirismos de amor e amigo.  
(NAVEIRA, 2015, p.77)

O tom lírico nos faz esquecer, por alguns instantes, referir-se o poema a um momento bélico. A hibridação cultural surge de modo positivo, representando um entrecruzamento proporcionador de amores e amizades. Todavia, nos últimos versos expostos esse sentimento se esvai: “Na guerra, irmão mata irmão,/ Não há comunicação” (p.78). Os anseios ideológicos destroem até os sentimentos fraternos. O texto naveiriano, nesse ponto, leva-nos a refletir sobre esse conflito que vai muito além das conquistas de espaço e de poder.

Em diversos momentos enxergamos nos textos em análise a presença de resíduos das grandes batalhas clássicas. É o que vemos, por exemplo, em “Tuiuti”: “Vai começar a maior batalha campal da América do Sul:/ Os aliados tocam clarins,/ Tambores,/ Cornetas,/ Os paraguaios troam os tuturutus,/ Sopro horrendo/ Em chifres de boi”. O texto se refere ao combate mais sangrento da Guerra do Paraguai e descreve percursos e artilharia.

A abordagem inicial foi construída no intuito de apresentar o modo como Raquel Naveira poetizou o trágico episódio da História da América do Sul. Ao se tratar de poesia já

sabemos que o tema resgatado quer registrar uma perspectiva singular, seja concordando, acrescentando ou contrariando esse instante bélico. Mas ao nos referirmos à poesia insubmissa, precisamos ir além dessa discussão inicial. Por isso, apresentamos agora o texto “Brasil imperial” para refletirmos em torno do assunto:

### **BRASIL IMPERIAL**

O Brasil Imperial  
Vai mal:

Chega de escravizar,  
De tinir os ferros,  
De estalar açoites,  
De prender algemas  
Nos braços negros,  
De estancar feridas  
Com sal.

Chega de alimentar nobreza cabocla,  
De regar com sangue o latifúndio,  
De engordar as casas exportadoras,  
De resistir às mudanças  
Para o bem social.

Chega de empréstimos,  
Falências,  
Nos engenhos as moendas emperraram,  
A flor do algodão secou como palha,  
Atearam fogo ao cafezal;  
O trono balança,  
O imperador, D. Pedro II,  
Não acompanha o progresso do mundo:  
Lá fora há indústrias,  
Vapores,  
Trens,  
Sopra o vento liberal.

O trono balança,  
O imperador está velho, doente,  
Pensa na Academia Francesa,  
Em hieróglifos egípcios,  
Em amigos da corte,  
Em longos saraus.

D.Pedro coça a barba,  
Deposita cetro e coroa  
Sobre o trono que balança,  
De sua valise  
Saem as pontas do manto real.

Vai mal  
O Brasil Imperial.  
(NAVEIRA, 2015, p.68-69)

O eu poético dos versos que acabamos de ler parece ter voltado no tempo, pois

escreve sobre o Brasil Imperial de modo a presentificá-lo. Basta atentar para os verbos empregados no presente: “o trono balança”, “o imperador está velho...”, “D. Pedro coça...”. As cenas e fatos apresentados no texto parecem estar ocorrendo diante do enunciador, que desde o início critica vários desmandos ocorridos no Brasil, e através de uma voz imperativa, insubmissa, se insurge e dá um basta que se manifesta na repetição da palavra “chega”, a qual abre as três primeiras estrofes.

O primeiro protesto é contra a escravidão. Sabemos que o final do século XIX é marcado pela assinatura da Lei Áurea, pela Princesa Isabel, fato que teoricamente marcaria um novo tempo do povo brasileiro. Todavia, a realidade esteve bem distante do estimado pelo grupo “liberto”. A escravidão continuou e muitas vezes ainda é possível encontrar resquícios dela na sociedade atual.

Em seguida o alvo é o mau uso do dinheiro público. A riqueza do país está sendo dividida injustamente, favorecendo sempre os grandes latifundiários e as casas exportadoras, enquanto deixa o pobre explorado, em humilhante situação de miséria. Enquanto outros países comemoram os grandes avanços industriais, o imperador se deleita com uso do dinheiro público em benefício próprio.

O tom de protesto que se lê, desde os primeiros versos, inscreve o texto em análise na categoria insubmissa, cuja força da palavra poética é capaz de levar o leitor à “incitação das consciências”, segundo Roberto Pontes. Para o autor, não basta resistir, o poeta tem o poder de motivar, de fazer de suas palavras instrumento de luta social.

O conteúdo do poema inevitavelmente leva o leitor a refletir sobre a realidade brasileira. Há uma identificação com o contexto social atual, que nos faz pensar ser essa despreocupação governamental parte da essência deste país. As personagens e figurinos mudaram, mas a história continua a mesma.

O olhar direcionado ao passado tem uma experiência de vida e um conhecimento histórico que fazem dos versos uma leitura amadurecida desse tempo anterior. Não só se apresentam acontecimentos de um período vivenciado pelo povo brasileiro. Há também a postulação de uma visão, de uma perspectiva, que certamente não está do lado dos que tradicionalmente dominam e exploram essa nação. Trata-se de uma voz farta das improbidades realizadas por um governo cuja estrutura nunca mudou.

É a voz de Raquel Naveira a falar através do eu poético, que se insurge como um *alter ego* ansioso por posicionar-se contra as mazelas sociais ou a favor das coletividades defendidas através do seu clamor poético. Em *Caraguatá: poemas inspirados na Guerra do Contestado*, mais uma vez a beligerância é o cenário. A pertinência dessa criação levou a autora a receber Menção Honrosa no Prêmio Ribeiro Couto de UBE/ RJ, em 1997. *Caraguatá* se transformou em curta-metragem, recebendo o título de *Cobrindo o Céu de Sombra*,

dirigido por Célio Grandes. Também ganhou merecido destaque nas palavras de Antonio Fantinato<sup>8</sup>:

Acabo de ver e reviver em *Caraguatá*, em seus personagens, santos e demônios, a tragédia toda do Contestado, pouco lembrada nas páginas de nossa história, elevada agora à condição de poema épico, suscetível de maior conhecimento e divulgação, em que a epopeia em versos dura mais que as simples letras dos historiadores. Concebido com nobreza de linguagem e sobriedade de desenho, *Caraguatá* permanece como obra de arte. Epopeia concentrada, sintética, que tudo narra sem quase narrar. Sugestão de uma *Iliada* em nossos dias, própria, adequada a um tempo, o nosso (FATINATO *in* NAVEIRA, 2015, p. 191).

Fantinato expõe uma questão recorrente nos livros de Raquel Naveira, que é o resgate de fatos pouco explorados pelos manuais de História do Brasil. Notamos em sua criação poética um compromisso estabelecido com a sociedade, com a História, com o passado, fazendo que avistemos em sua produção literária uma obra efetivamente engajada.

A Guerra do Contestado ocorreu entre 1912 e 1916, na região Sul do Brasil. O conflito aconteceu a partir da construção de uma estrada de ferro que desabrigou milhares de camponeses. A empresa responsável pela obra era norte-americana e recebeu apoio do governo e dos grandes proprietários de terra da região. Contratou muitos trabalhadores locais e de outras cidades e estados para a edificação da ferrovia. Terminada a obra, essas pessoas não tinham como voltar para os lugares de origem e acabaram ficando em situação difícil nos arredores de Santa Catarina, o que agravou ainda mais as condições daquela região.

Tudo isso gerou uma grande insatisfação popular principalmente dos camponeses que perderam terra e emprego. Surgiu nessa época uma figura religiosa, de caráter messiânico<sup>9</sup>, que atraiu milhares de seguidores. Seu nome era João Maria e pregava a vinda de um novo tempo de justiça, paz e terra para trabalhar. E, assim, diante da esperança em dias melhores, foram aparecendo representações de força e o movimento passou a incomodar o governo, fato que levou as forças armadas a perseguirem o monge João Maria e seus adeptos, dando início à guerra que matou milhares e só terminou quando os militares conseguiram prender Aldeodato, um dos principais representantes dos camponeses, apenado com trinta anos de detenção.

---

<sup>8</sup> Antonio Fantinato é um escritor paulista, membro do PEN CLUBE BRASIL e da ACADEMIA BRASILEIRA DE ARTE. Publicou pela Arte-Nova *Canto costurado* (1977), *Fiação do semestre* (1978) e *Efemerário* (1983).

<sup>9</sup> O messianismo é a espera de um salvador, ou seja, um indivíduo que traga paz e abundância, em especial, para um lugar no qual as pessoas estejam desesperançosas. Em Portugal, por exemplo, o messianismo manifestou-se a partir da figura de D. Sebastião, cuja morte, sem provas materiais, acabou por gerar no povo lusitano a expectativa de seu retorno ao país, trazendo as mudanças necessárias para aquele tenso momento quando Portugal perdera suas forças para os espanhóis. Daí, a imagem do rei passou a ligar-se à crença cristã e o povo esperava não mais aquele sujeito soberano, mas o próprio Salvador.

**Figura 13** – Fotografia da Guerra Do Contestado<sup>10</sup>



Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/giro-sustentavel/100-anos-da-guerra-do-contestado-silencio-invisibilidade-e-miseria/>

Tudo isso é apresentado por Raquel Naveira através de poemas que expõem muito mais do que fatos históricos, pois transmite os próprios sentimentos gerados a cada instante por aquele episódio bárbaro. Em “Trilho do trem”, ressaltamos não só a angústia de toda a gente que sofria com a chegada do progresso destruidor, mas também o sofrimento da natureza vencida pelas máquinas. A mata surge de modo personificado, como podemos conferir nos versos: “A mata se agita,/ Vai ser cortada,/ Traçada,/ Devastada/ Pelo trem” (p.195). A poeta não poderia esquecer a figura representativa que tanto fez pelo movimento, “João Maria”, título de um dos poemas:

---

<sup>10</sup> Fotografia do sueco Claro Jansson.

## **JOÃO MARIA**

[...]  
Por onde ia  
Espantava doenças,  
Esconjurava azares,  
Orientava o povo,  
Lia o fundo das almas,  
Benzia com erva vassourinha,  
Dizia que árvore era quase bicho  
E bicho quase gente;  
Só comia queijo com pão  
Meu padrinho João.

Virou mito,  
Virou lenda,  
Mas garanto que existia,  
Era meu padrinho  
Esse João Maria.  
(NAVEIRA, 2015, p. 198-199)

A personagem configura a imagem messiânica porque com ele se chegava à cura. Para alguns, encenava aquela tradicional representação do rezador. Contudo, sua participação no movimento do Contestado acabou por lhe acrescentar um valor bem maior, o de mito, fazendo-o permanecer vivo através da História. E esse imaginário apresentado pela poeta sul-mato-grossense tem muito a ver com a própria herança portuguesa de D. Sebastião, que residualmente percorre muitas obras literárias e culturas diversas, levando a ideia de que em toda sociedade há sempre um ser iluminado transformador de realidades conflituosas, um Salvador por quem se espera. Temos aí resíduo dentro de outro resíduo: há a figura de João Maria, representante residual de D. Sebastião. E D. Sebastião seria a figura residual da imagem do próprio Messias. E é assim que tantos imaginários vão se perpetuando nas culturas. Isso também fica claro no poema “A cortina se fecha”, ao descreverem-se os últimos instantes daquele movimento bélico:

## **A CORTINA SE FECHA**

Com o coronel Estillac Leal  
Resistindo meses no alto da serra  
Acaba a tragédia:  
Uns se rendem,  
Outros são capturados.

A cortina se fecha sobre o palco da guerra,  
Uma guerra móvel,  
De fúria mística,  
Adaptada a um ambiente de taquarais,  
Essências,  
Escarpas,  
Desfiladeiros,  
Antros de fanáticos

Espalhados como cogumelos.

Uma guerra que poderia ter sido evitada,  
Se ao invés de fuzis  
Os governos tivessem enviado educadores,  
Religiosos,  
Diplomatas,  
Alimentos,  
Assistência.

A cortina se fecha  
Com as bordas sujas de sangue e lama.  
(NAVEIRA, 2015, p.219)

A guerra chegava ao fim. Como em toda batalha, uns se entregam, outros resistem. A imagem de Estillac Leal<sup>11</sup> surge como elemento demarcador da verossimilhança. Afinal, ele foi um militante, envolvido em diversos episódios de lutas políticas brasileiras. Assim como nas epopeias, há uma mistura do humano com o divino. Esse traço residual se manifesta pela fúria mística e pela imagem dos fanáticos comparados a cogumelos. A postura destes fanáticos aparenta a dos deuses, constantemente gerindo as atitudes dos humanos nas narrativas antigas.

Além desse caráter residual, observamos a postura de quem analisa os fatos e apresenta outras perspectivas que poderiam ter sido seguidas desde o início do movimento guerrilheiro. De acordo com o eu poético, o governo poderia ter evitado o conflito, e, no lugar da guerra, poderia ter proporcionado educação, espiritualidade, alimentação e assistência social para quem sofreu com a chegada da ferrovia. E, no “palco da guerra”, a cortina se fechou com “bordas sujas de sangue e lama”.

Ao tomarmos os textos de temas históricos naveirianos para falar de poesia

---

<sup>11</sup> Newton Estillac Leal nasceu no Rio de Janeiro, em 1893. Cursou a Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, na segunda metade da década de 1910, quando travou contato com muitos dos futuros líderes das revoltas tenentistas deflagradas contra o governo federal no decorrer da década seguinte. Em 1922 deu apoio discreto à primeira dessas revoltas, deflagrada no Forte de Copacabana. Já em 1924, teve participação ativa na articulação e na deflagração do levante ocorrido na capital paulista sob o comando do general Isidoro Dias Lopes e do oficial da Força Pública estadual, Miguel Costa. Após cerca de três semanas controlando a cidade, os rebeldes decidiram retirar-se em direção ao estado do Paraná, operação que contou com a participação destacada de Estillac. Ferido, retirou-se para o exílio na Argentina.

Após a posse do novo governo, liderado por Getúlio Vargas, participou do Clube 3 de Outubro, organização que procurava dar coesão aos revolucionários identificados com o movimento tenentista. Por essa época, contudo, priorizou a sua carreira no Exército. Em 1935, quando comandava o 1º Grupo de Obuses na então capital federal, foi convidado por Luís Carlos Prestes para participar dos levantes deflagrados em novembro daquele ano em nome da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Embora tenha recusado o convite, não denunciou a conspiração aos seus superiores hierárquicos, o que lhe valeu, no futuro, acusações de conivência com o movimento, ainda que tenha cumprido as ordens recebidas de dar combate aos revoltosos. Em 1949, foi nomeado comandante da Zona Militar Sul, antecessora do III Exército. Em 1951, licenciou-se da presidência do Clube para assumir o Ministério da Guerra, no segundo governo de Getúlio Vargas, sendo afastado do cargo em março do ano seguinte. Em abril de 1954, assumiu o comando da Zona Militar Centro, futuro II Exército, com sede em São Paulo, exercendo o cargo até setembro deste ano. Ainda em 1954, seu nome chegou a ser cogitado por setores nacionalistas e de esquerda para disputar a eleição presidencial de 1955, mas seu desinteresse pela indicação impediu que as articulações obtivessem sucesso. Morreu no Rio de Janeiro, em 1955 (DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS 1930, 2001)

insubmissa, estamos nos referindo a um modo peculiar de apresentar os fatos. A poeta não se contenta com o modo tradicional de resgate das histórias que ela retoma em sua obra poética. Os manuais de História estudados no ensino básico ilustram o rotineiro modo de interpretação dos fatos. Podemos dizer que essas narrativas são pouco estudadas, trabalhadas e divulgadas. Muito do que foi dito popularmente sobre elas são referências de uma classe dominante. Então, há insubmissão no ato de recontar os fatos, primeiro, por não os aceitar como tradicionalmente são repassados, depois, em instigar o leitor a repensá-los e se indignar diante deles.

A poesia insubmissa, conceituada por Roberto Pontes (1999), representa o sentimento de uma coletividade. E sendo o poeta modelo representativo de uma época, aquele que tem o poder de, através da palavra, incentivar a apreensão de novos conhecimentos e motivar o aprofundamento da criticidade, acreditamos haver um caráter insubmisso presente nos poemas de Raquel Naveira, que parte de um sentimento individual para uma provocação coletiva.

E é com essa convicção que chegamos à última obra da escritora campo-grandense escolhida para análise, *Stella Maia: poemas sobre a conquista do México pelos espanhóis* (2001). Em nota sobre o livro no jornal Correio do Estado, em setembro de 2001, lê-se:

Stella Maia, Estrela Maia, é um conjunto de 21 poemas que fala sobre a conquista do México pelos espanhóis. Escrever sobre a conquista do México é aludir a um problema de interesse vital para o mundo: a questão da colonização brutal, implacável, sangrenta; a questão do direito que um continente acredita ter de subjugar o outro (CORREIO DO ESTADO *in* NAVEIRA, 2015, p.293).

De início, já podemos entrever a força e o significado da obra. E diferentemente das outras duas, observa-se agora a ampliação de horizontes, a exploração de fatos que repercutem mundialmente. Foi o que disse Carlos Herculano Lopes, no jornal Estado de Minas, em julho de 2001:

Raquel Naveira extrapola as fronteiras nacionais e chega ao México. Não o México insistentemente vendido aos turistas nas belas praias de Acapulco e Cancun ou dos falsos mariachis de sombreros coloridos e ponchos espalhafatosos. Na teia desses versos, vamos a um país mais profundo e dono de uma história que, ao longo dos séculos, vem sendo escrita a ferro, fogo e muito sangue derramado (LOPES *in* NAVEIRA, 2015, p. 203).

É preciso conhecimento histórico para subverter os fatos tradicionalmente transcritos sob um único viés. Há nos poemas de *Stella Maia* a familiaridade com os espaços e com as culturas elencadas. É fato que se o leitor conhece a história e/ou o lugar do qual se

fala, a sua leitura evoluirá com maior aprofundamento e entendimento da visão poética proposta. Mas se o contrário acontece também é certo que a leitura será um processo de descoberta em que as imagens vão surgindo umas após as outras para construir um novo imaginário.

O interessante do resgate dessa história-tema do livro em específico é ser ela bem mais antiga do que as outras já mencionadas. Voltamos ao início do século XVI, quando os espanhóis chegaram à região que hoje é conhecida como México, liderados pelo oficial Hernán Cortés e derrotaram os nativos com mais ou menos 500 homens. Estamos nos referindo ao genocídio da grande civilização Asteca. Tal fato causou muitas dúvidas ao longo da história, haja vista a quantidade de homens invasores ser bem pequena para tamanho desastre ocorrido. A justificativa primeiramente está no uso dos armamentos de fogo utilizados pelos espanhóis, em contraposição às flechas usadas pelos astecas. Além disso, aqueles tinham o aparato de cavalos, meio de ataque e condução que era novidade para os astecas.

A resposta mais adequada para a dúvida sobre como tão poucos homens venceram uma civilização gigantesca está na tática aplicada por Hernán Cortés, que analisando a organização do poder naquela região chegou à conclusão de haver muita insatisfação dos povos em relação aos altos impostos pagos ao reino. Foi por esse caminho que o comandante espanhol conquistou muitos adeptos, considerados, por muitos, como “os traidores”. A vitória aconteceu e os que acreditavam estar do lado dos espanhóis, lutando por um novo tempo, enganaram-se. Houve apenas a mudança de dominador<sup>12</sup>.

Nessa época, Montezuma era o líder asteca no comando da sua civilização, entre 1502 e 1520. Ficou conhecido por corresponder aos interesses espanhóis, contribuindo com o fim do seu próprio povo. Todavia, Raquel Naveira acrescenta novo olhar para essa figura histórica:

### **MONTEZUMA**

O imperador Montezuma  
Coloca sobre a cabeça  
O cocar verde de plumas,  
Entre a fumaça de incenso,  
Tenta afastar os maus presságios:  
Vira luzes estranhas na bruma,  
Incêndios nos templos  
E fora avisado  
De que homens estranhos viajavam  
Em navios de asas brancas  
Sobre as espumas.

O reino de Montezuma

---

<sup>12</sup> Fonte: < [https://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/guerra\\_contestado.htm](https://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/guerra_contestado.htm) > Acesso em: 20/02/2022

Ruma para o fim,  
Não adiantará aliar força e sabedoria  
Contra um fantasma.

Montezuma,  
Em transe,  
Não oferece resistência  
E a profecia se consumia.  
(NAVEIRA, 2015, p.300)

A figura do imperador é refletida no poema como se ele tivesse o dom da profecia. Assim como em “A cortina se fecha”, o místico está presente na guerrilha. A prospecção mencionada no poema justifica a atitude posterior do líder, a de resignação diante da batalha. Por isso, tantas vezes foi visto como “Judas”. O ritual indígena de pôr sobre a cabeça o cocar e usar a fumaça do incenso para afastar os maus presságios é resíduo ainda presente em culturas indígenas. O prenúncio da chegada de homens estranhos faz de Montezuma um sujeito profético, místico, assim como João Maria em *Caraguatá*. Todavia, enquanto este foi alimentado com crença messiânica, de que seria o próprio salvador, aquele teve destino contrário, foi apontado como “traidor”.

As profecias são vistas como inspirações divinas, sejam elas cristãs ou pagãs. E, tendo esse caráter espiritualizado, são naturalmente inquestionáveis. No poema, a atitude historicamente julgada de Montezuma, sua conformação, é apresentada como se fosse a aceitação daquilo que não pode ser mudado, ou seja, não havia possibilidade de se contrapor ao destino. Então, meio perplexo diante da realidade, o imperador “não oferece resistência/ e a profecia se consumia”. O resultado pungente teve como ponto central a destruição de Tenochtilán, a capital do Império Asteca: “Tenochtilán,/ debilitada capital asteca,/ Tuas noites são febris,/ o inimigo te espreita, /corta teus aquedutos,/ devasta as tuas margens”. O nome da cidade dá título a um dos poemas de Naveira, cuja estrofe final apresenta um diálogo entre o eu-poético e a referida capital: “Mas ainda tens voz:/ A voz de teus tambores,/ de tua resistência,/ de teus últimos imperadores;/ a voz de quem não trocou mensagens,/ Não se rendeu/ E agonizou entre gemidos e dores”. A palavra poética motiva o povo asteca a enxergar-se de modo positivo, lembrando-o que foi forte, resistente e não se rendeu perante os grandes conflitos. Trata-se de uma voz poética direcionada para a existência de uma outra, que poderíamos chamar de voz histórica, ou seja, a que permanece e se perpetua residualmente como eco daquele instante de resistência. E esse sentimento também é resgatado no poema “Cidade do México”, em sua última estrofe: “A civilização asteca,/ o sonho maia/ Pereceram,/ Mas a glória dos homens/ que trabalharam para construí-los,/ Permanece para sempre”.

A derrota daquele povo não significou o seu apagamento da História. Pelo contrário, a civilização asteca ficou marcada pela sua grandeza, pela “glória dos homens” que

tanto batalharam para mantê-la erguida.

O trecho a seguir, de Josenia Marisa Chisinnide, aborda esta obra de caráter histórico de Raquel Naveira: *Stella Maia*. Leiamos:

A magia realista dos versos de *Stella Maia e outros Poemas* espelha as funções ilusórias da arte e da memória. Ela torna-se o “espelho do tempo”, palavras que Jorge Luis Borges, em *Siete Noches* interpretou, ao correlacionar os sentidos da linguagem com a atividade de criação estética. Sente-se na poesia de Raquel Naveira a intenção de reatar as pontas dos eventos culturais aos relatos histórico-artísticos. Os vestígios dos fantasmas mitológicos vicejam no artesanato da linguagem emotiva, restaurando-se os símbolos, as formas iconográficas, os nomes e as representações das tradições xamânicas dos Astecas e Maias. É interessante lembrar que essas alegorias transpostas na interatividade da história com a literatura mexicana foram temas das produções dos escritores Octávio Paz e Carlos Fuentes (CHISINNIDE in NAVEIRA, 2015, p.294).

Há, no referido livro, um teor realista que se dissolve em versos. Ao mesmo tempo em que se retoma um dado período histórico, há o entrecruzamento deste com o presente e com um tempo ainda mais antigo. Retoma-se o início do século XVI com linguagem e olhar contemporâneos. Diversas imagens clássicas, mitológicas, são trazidas nos poemas. Observa-se a compreensão histórica ampliando as possibilidades de escrita da autora, no sentido de saber entrecruzar tempos distintos sem perder de vista o fio condutor que tece tanto o sentido de *Stella Maia* quanto o sentido da própria poesia naveiriana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o resgate marcado por um estilo sólido e envolvente de escrita traçou o perfil da poeta Raquel Naveira. A riqueza cultural manifestada conscientemente através do caráter híbrido da composição naveiriana, bem como a presença da marca feminina tecendo diversos fios em cada obra, são os pontos fortes elencados aqui como construtores da feição da obra em foco. Os assuntos apresentados e abordados nesta análise convergiram para mostrar uma escrita consciente, engajada, densa, na qual a concepção de poesia ultrapassa a ideia de pura inspiração e alcança um nível elevado de transbordamento.

Isso acontece porque há um natural compromisso da poeta com o meio em que vive. Não é por acaso que ela percorre desde os pensamentos mais íntimos e filosóficos sobre a existência, passa pela instituição familiar, pela terra natal, pela cultura nacional, ultrapassa fronteiras, percorre a América Latina, aprofunda temáticas ligadas à identidade portuguesa, apresenta os países lusófonos e aborda temas universais. O compromisso estabelecido é com a sua terra, com o seu país e com o universo poético. Sendo mulher, assume a palavra como direito e faz uso dela como defesa do referido gênero. E é assim que Raquel Naveira vem se

firmando no cenário da Literatura Brasileira, construindo uma identidade poética de força, plena de conteúdos históricos e sociais, e mais ainda: ofertando a nosso país a poesia necessária ao momento.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX*. Bauru: Edusc, 2001.

DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

DINIS, Melillo; NAVEIRA, Raquel. Entrevista. *Programa Iluminuras*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VNC0NHUGwAw>> Acesso: 22 de fev de 2022.

JANSSON, Claro. *A guerra do Contestado*. Fotografia. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/giro-sustentavel/100-anos-da-guerra-do-contestado-silencio-invisibilidade-e-miseria/>> Acesso em de 22 de fev de 2022.

LIMA, Grazielli Alves de. Poéticas do Feminino: resquícios de Cores na Literatura de Raquel Naveira. *Revista Cerrados*. Brasília, v.20, n.31, p. 259-282, jul/2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26101> >. Acesso em: 21 de fev. 2022.

NAVEIRA, Raquel. *Caraguatá: Poemas Inspirados na Guerra do Contestado*. Dourados/MS: Fundação Cultural R. Sovierzoski, 1996.

NAVEIRA, Raquel. *Fonte Luminosa*. São Paulo/SP, MassaoOhno, 1990.

NAVEIRA, Raquel. *Guerra entre irmãos: Poemas inspirados na Guerra do Paraguai*. Campo Grande/MS: Edição independente, 1993.

NAVEIRA, Raquel. *Jardim Fechado*. Porto Alegre: Vidrágua, 2015.

NAVEIRA, Raquel. *Raquel Naveira & O feminino em sua obra*. 2013. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_s0M-E-sLPE](https://www.youtube.com/watch?v=_s0M-E-sLPE)> acesso: 22/02/2022.

NAVEIRA, Raquel. *Stella Maia e outros poemas*. Campo Grande/ MS: Editora UCDB, 2001.

PILOSU, Mario. *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasílusa*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor; Fortaleza: Edições UFC, 1999.